

A singularidade do sujeito nas pesquisas qualitativas

Danielle Pereira de Almeida¹   Maria Margarita Villegas Graterol²  
Fredy Enrique González³  

Resumo

Os estudos de natureza qualitativa são uma escolha de muitos pesquisadores da área da educação e se configuram como um campo amplo de estudos. Nesse sentido, optamos por focar em um dos aspectos inerentes a pesquisa qualitativa, a singularidade do sujeito. Tal escolha se deu em virtude do entendimento de que os aspectos subjetivos e singulares dos sujeitos são elementos fundamentais para estudos dessa natureza. Considerando tais pressupostos, realizamos uma revisão teórico conceitual acerca dos principais conceitos envolvidos no tema, com o objetivo de compreender os significados da singularidade do sujeito na Pesquisa qualitativa. Para tal, discutimos os conceitos de sujeito, singularidade e intersubjetividade, bem como, tecemos discussões sobre a pesquisa qualitativa, suas características e como estas se relacionam com o sujeito singular. A partir dessa discussão tornou-se evidente que a singularidade do sujeito está estritamente relacionada às características da pesquisa qualitativa e se expressa através de atributos únicos, mas também, carrega traços sociais, históricos e culturais que são de interesse dessa abordagem de pesquisa e requerem um olhar atento e sensível do pesquisador. Acreditamos que o diálogo proferido pode contribuir de maneira significativa para a ampliação do conhecimento nesse campo de estudos.

Palavras chave: Sujeito, Singularidade, Subjetividade, Pesquisa Qualitativa, Significados.

The singularity of the subject in qualitative research

Abstract

Studies of a qualitative nature are a choice of many researchers in the field of education and are configured as a broad field of study. In this sense, we chose to focus on one of the aspects inherent to qualitative research, the uniqueness of the subject. This choice was made due to the understanding that the subjective and singular aspects of the subjects are fundamental elements for studies of this nature. Considering these assumptions, we carried out a theoretical and conceptual review of the main concepts involved in the theme, with the objective of understanding the meanings of the singularity of the subject in qualitative research. To this end, we discussed the concepts of subject, singularity and intersubjectivity, as well as we weaved discussions about qualitative research, its characteristics and how they relate to the singular subject. From this discussion it became evident that the singularity of the subject is strictly related to the characteristics of qualitative research and is expressed through unique attributes, but also carries social, historical and cultural traits that are of interest to this research approach and require a the researcher's attentive and sensitive gaze. We believe that the dialogue given can significantly contribute to the expansion of knowledge in this field of study.

Keywords: Subject, Singularity, Subjectivity, Qualitative research, Meanings

La singularidad del sujeto en las pesquisas cualitativas

Resumen

Los estudios de carácter cualitativo son una opción de muchos investigadores en el campo de la educación y se configuran como un amplio campo de estudio. En este sentido, optamos por centrarnos en uno de los aspectos inherentes a la investigación cualitativa, la singularidad del sujeto. Esta elección se hizo entendiendo que los

¹ Programa de Pós-Graduação em Ensino - POSENSINO (UERN/IFRN/UFERSA), Mossoró, RN, Brasil. E-mail: daniellea896@gmail.com

² Universidad Pedagógica Experimental Libertador (UPEL, Venezuela). Universidad Federal Rural del Semi-Árido (UFERSA), Mossoró, RN, Brasil. E-mail: margarita.ufersa@gmail.com

³ Departamento de Educação Matemática - DEEMA, Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática - PPGEDMAT, Universidade Federal de Ouro Preto – UFOP, Ouro Preto, MG, Brasil. E-mail: fredygonzalezdem@gmail.com

aspectos subjetivos y singulares de las materias son elementos fundamentales para estudios de esta naturaleza. Considerando estos supuestos, realizamos una revisión teórica y conceptual de los principales conceptos involucrados en el tema, con el objetivo de comprender los significados de la singularidad del sujeto en la investigación cualitativa. Para ello, discutimos los conceptos de sujeto, singularidad e intersubjetividad, así como tejemos discusiones sobre la investigación cualitativa, sus características y cómo se relacionan con el sujeto singular. De esta discusión se hizo evidente que la singularidad del sujeto está estrictamente relacionada con las características de la investigación cualitativa y se expresa a través de atributos únicos, pero también conlleva rasgos sociales, históricos y culturales que son de interés para este enfoque de investigación y requieren una atención del investigador. mirada atenta y sensible. Creemos que el diálogo brindado puede contribuir significativamente a la ampliación del conocimiento en este campo de estudio.

Palabras clave: Sujeto, Singularidad, Subjetividad, Investigación Cualitativa, Significados.

INTRODUÇÃO

Neste trabalho vamos nos focar no lugar do sujeito nas pesquisas da ordem qualitativa. O telão de fundo de nossa discussão é a relevância atribuída à subjetividade na produção de conhecimentos sobre assuntos sociais e humanos, a contramão das pesquisas que, baseadas no Positivismo, privilegiam a objetividade e a neutralidade do pesquisador no desenvolvimento da sua pesquisa, e que assumem a homogeneidade da realidade (a chamada população) acreditando que o dito sobre só uma parte dela (amostra) pode ser generalizado e dito sobre a população toda, desconsiderando a heterogeneidade, a unicidade, a individualidade irrepitível de cada sujeito como “evento único” ao dizer de BAKHTIN (2012), pois mesmo que sendo socio-historicamente condicionado, cada sujeito é único e sua história singular é síntese da história do contexto social onde desenvolve-se a sua singularidade histórica.

Algumas questões que merecem destaque ao considerar a singularidade como conceito nas pesquisas qualitativas, nos inspirando em Almeida (2023), são indicadas a seguir: 1) respeito à individualidade e unicidade de cada pessoa humana; 2) reconhecimento de que não existem duas pessoas que sejam exatamente iguais, por tanto, todas as pessoas são diferentes entre si; 3) toda pessoa, ao longo da sua existência, vai construindo uma identidade que não é fixa senão que muda conforme as experiências vivenciadas; 4) mesmo que socialmente exista a tentativa de uniformizar e homogeneizar às pessoas, isso não é realizável na prática, mesmo admitindo os esforços dos governos autoritários e ditatoriais; 5) a singularidade pessoal significa, entre outras coisas, que cada um de nós possui uma essência única e intransferível; 6) assim como nós somos singulares, outros têm também sua singularidade própria; 7) o aceite da singularidade individual implica o reconhecimento da diversidade.

Assumir a singularidade dos sujeitos envolvidos numa pesquisa social em geral ou educacional, em particular, gera grandes desafios; um deles é: como gerar conhecimento social a partir dos conhecimentos singulares dos sujeitos pesquisados? Como se constrói conhecimento desde a singularidade dos sujeitos assumindo que cada um é único e possui características próprias? Na procura de respostas para essas inquietações auxiliam-nos as

pesquisas qualitativas. Dessa forma, no presente artigo serão feitas considerações acerca da singularidade do sujeito nas pesquisas qualitativas.

Uma questão primeira que deve ser abordada é esclarecer o que é singularidade. Arthur Ribeiro (2023), diz que a singularidade “se refere à ideia de que cada indivíduo é único e irrepitível. Ela envolve questões sobre a natureza da identidade pessoal, a relação entre corpo e mente e a liberdade individual. [...] reconhece a individualidade e unicidade de cada ser humano e de cada situação [...] cada ser humano é único e irrepitível, com suas próprias experiências, pensamentos e emoções.” (RIBEIRO, 2023, sf).

Segundo Seidel (2022), deve-se a Bakhtin (2012) a inauguração da noção de singularidade, a qual “permite compreender a razão pela qual cada sujeito apresenta um ponto de vista único sobre o mundo e, conseqüentemente, determinada percepção sobre a verdade de um evento.” (SEIDEL, 2022, p. 40)

Desde o ponto de vista etimológico o vocábulo “singularidade” remete ao

substantivo de origem latina: *singularitas*, *singularis*, que define aquilo que é único, solitário, um por um, peculiar, derivado de *singulus*, que define o individual, o único, derivado de *sim*, diminutivo da raiz do substantivo *simplus*, derivando o substantivo *simples*. A singularidade é característica do que é pouco frequente, fora do comum, extraordinário, distinto, que não tem correspondência com outro, surpreendente, incomum. É uma qualidade que distingue algo de outras coisas do mesmo gênero, ou seja, possui uma particularidade, uma originalidade, uma excentricidade (BRISKIEVICZ, 2018, p. 81).

Baseando-nos no que foi exposto até aqui, este ensaio fornece algumas reflexões sobre o papel da singularidade do sujeito nas pesquisas qualitativas (PQ, daqui para frente), um assunto que envolve uma grande complexidade, tendo em vista, a diversidade de significações e definições que são atribuídas a essa noção (ARAÚJO; OLIVEIRA; ROSSATO, 2017). Porém, mesmo diante dessa complexidade, nos desafiamos a escrever o presente ensaio teórico abordando o tema e buscando responder indagações como: Quais os significados da palavra “sujeito”? Como se revela a singularidade do sujeito? Qual o papel do sujeito na PQ? Como a singularidade do sujeito se destaca nesse contexto? Para responder tais questionamentos foi realizada uma revisão teórico conceitual acerca dos principais conceitos envolvidos no tema, tendo como objetivo compreender os significados da singularidade do sujeito na PQ.

CLARIFICAÇÃO DA NOÇÃO DE PESQUISA QUALITATIVA

Existem estratégias diversas para produzir conhecimento, uma delas é a pesquisa. Mas, o que significa pesquisa? Ela, segundo González (2005), não é mais do que uma busca disciplinada de informação que constitua o alicerce onde se baseia a construção das respostas para interrogações que são do interesse do pesquisador; o autor acrescenta que a pes-

quisa é uma atividade essencialmente humana “ [...] voltada para a produção (sistemática, organizada, metódica) de conhecimento, com a intenção de propor respostas a questões formuladas por alguém sobre situações problemáticas previamente definidas com base em seus interesses, motivações e valores.” (GONZÁLEZ, 2005, p. 8).

Em geral, e de modo muito resumido, as pesquisas que são interessadas nos assuntos humanos e sociais podem ser organizadas em duas grandes categorias: pesquisas quantitativas e pesquisas qualitativas. As diferenças entre elas não é são da ordem dos métodos utilizados. Além da dimensão metodológica devem serem levadas em consideração mais outras quatro: epistemológica, axiológica, teleológica e ontológica, como definidas por González (2008). Uma comparação bem esquemática dessas duas maneiras de fazer pesquisa é exposta por Günther (2006), que acha as pesquisas qualitativas mais adequadas para indagar questões próprias dos âmbitos sociais em geral e educacionais, em particular. A seguir será exposta uma justificativa para fazer investigação em educação usando alguma das modalidades das pesquisas ditas qualitativas.

Quando se usa a expressão "pesquisa qualitativa", não se faz referência a uma única abordagem de fazer pesquisa social, em geral, e à pesquisa educacional, em particular, mas a um conjunto de tradições (Jacob, 1998), na condução da pesquisa socioeducativa, constituídas a partir das influências, nas indagações sobre os assuntos humanos individuais ou coletivos, da Psicologia, da Antropologia, da Sociologia, da Linguística e, fundamentalmente, da Filosofia. Cada uma dessas tradições, segundo aponta Jacob (1998), tem suas raízes históricas próprias, os supostos essenciais, os assuntos de interesse de pesquisa, as perguntas centrais e os métodos de fazer pesquisa assumidos como apropriados. Mas, a pesar de toda essa diversidade, que dá lugar às denominadas *variantes*, é possível identificar elementos compartilhados em comum, que são as características identificadas como *invariantes* (González, 2020, p. 159).

Mesmo sendo consideradas como mais idóneas para estudar questões sociais e humanas, as investigações qualitativas não sempre foram bem consideradas nos ambientes acadêmicos universitários. Com o predomínio do paradigma positivista nas pesquisas sobre assuntos sociais e educacionais, essas modalidades de investigação foram desconsideradas e acusadas

[...] de ser flexíveis demais, vagas, imprecisas, sem rigor ou métodos adequados, sem possibilidade de réplica e generalização [...] Estas críticas frequentemente baseiam-se ou são feitas por pesquisadores quantitativos que, por via de regra, possuem um olhar diferente sobre o que consideram uma pesquisa científica. Partindo deste pressuposto, é comum que críticas sejam feitas, pois os pressupostos filosóficos e paradigmas da pesquisa qualitativa são diferentes quando comparados aos da pesquisa quantitativa (PATIAS; VON HOHENDORFF, 2019; p. 2)

Mas no momento atual, no contexto da Educação no Brasil, as pesquisas qualitativas têm encontrado um espaço próprio e alcançado um reconhecimento importante no

contexto das pesquisas sociais, tal como é evidenciado por Zanette (2017) quem, com um estudo empírico bibliográfico, conseguiu mostrar como foi “o início das pesquisas em Educação no Brasil e das reflexões sobre metodologias das pesquisas qualitativas nos trabalhos acadêmicos” no país (ZANETTE, 2017; 149).

Uma das invariantes nas pesquisas de natureza qualitativa, como esclarecem Araújo, Lopes de Oliveira; Rossato (2017), é o papel do sujeito e da subjetividade no desenvolvimento do estudo, assunto esse que é o aspecto essencial deste ensaio.

IDONEIDADE DA PESQUISA QUALITATIVA PARA FAZER INVESTIGAÇÃO EM EDUCAÇÃO

As pesquisas de natureza qualitativa (PQ), desenvolvidas pelos pesquisadores na área da educação (LÜDKE; ANDRÉ, 2015), requer uma escolha entre muitas opções; algumas delas são indicadas por Günther (2006): “estudo de caso, análise de documentos, pesquisa-ação, pesquisa de campo, experimento qualitativo e avaliação qualitativa. Para qualquer pesquisador acostumado a trabalhar quantitativamente fica evidente que nenhum destes delineamentos é necessariamente qualitativo.” (p. 204). Isso acontece em virtude das características dessa pesquisa, as quais não restringem o pesquisador a um método único e padronizado e que buscam compreender os significados atribuídos pelos sujeitos em sua multiplicidade (CHIZZOTTI, 2003; TURATO, 2006).

Dessa maneira, podemos ressaltar que a Pesquisa Qualitativa -PQ se baseia em atitudes específicas que contemplam abertura, flexibilidade e não reduzem os objetos de estudo a variáveis, mas almejam representar a sua totalidade. Essa representação se dá a partir do estudo de práticas e interações cotidianas dos sujeitos (FLICK, 2009). Desse modo, as pesquisas qualitativistas propiciam o desenvolvimento de estratégias para obter informação, especificamente contextualizadas, que privilegiam e valorizam a subjetividade individual dos sujeitos; assim sendo, é assumida a perspectiva complexa do “método como estratégia” (Almeida; Knobbe, 2003)

Por outro lado, González Rey (2001) afirma que a PQ, apresenta atributos que conduzem à interpretação, ao diálogo e ao estudo de casos singulares. Esse autor reforça que os processos subjetivos complexos, só se tornam evidentes na pesquisa, quando os sujeitos se expressam mediante significações pessoais, que avançam e enriquecem na medida que é promovido o diálogo com outros sujeitos e com o pesquisador. Nesse sentido, o sujeito tem um papel importante para o desenvolvimento da PQ, conforme sua subjetividade e singularidade os tornam seres únicos e ao mesmo tempo complexos.

A SINGULARIDADE DO SUJEITO

De antemão, ressaltamos que a significação do termo “sujeito singular” é ampla, e envolve aspectos diversos que discutiremos no decorrer desse ensaio. Mas, a princípio, assumimos que ser sujeito singular implica compreender que existem diferentes posicionamentos nos processos de subjetivação: “somos alguém para outros significativos; somos alguém para instâncias que disciplinam a vida social; somos alguém para nós mesmos” (SPINK, 2011, p.1).

Assim, a singularidade do sujeito pode ser vista de diferentes pontos de referência e está relacionada, de acordo com Spink (2011), com a maneira na qual cada um de nós se relaciona com o mundo e com nós mesmos, o que envolve atributos pessoais e pontos de vista individuais. Nesse sentido, cada sujeito atribui significações e gera interpretações que foram construídas através da sua subjetividade e da intersubjetividade constituída nas suas interações com outros sujeitos com quem se relaciona. Desse modo, o sujeito quando interage de forma dialética consigo mesmo, com o outro e com o ambiente se (auto)constrói e ajuda na construção do se mesmo de outros sujeitos (GONZÁLEZ REY, 2008).

Essas significações estão relacionadas aos valores éticos que construímos ao longo de nossa vida. Piaget (1983) resalta que o homem vive, acredita numa diversidade de valores, os hierarquiza e assim dá sentido à sua vida. Logo, os valores estão relacionados com as experiências de vida (Josso, 2010), por tanto podem ser modificados ao longo da existência. Ao considerar a importância de compreender os significados e seus valores intrínsecos ao sujeito singular, é importante a utilização de metodologias que privilegiam a compreensão aprofundada do que se busca conhecer. Isso inclui, muitas vezes, acolher anseios e perspectivas dos sujeitos participantes, assim como dos próprios pesquisadores.

Nesse sentido, é possível inferir que a singularidade do sujeito contribui para a construção da subjetividade da pesquisa, tendo em vista que a partir dela surgem elementos que não seriam identificados mediante processos padronizados (GONZÁLEZ REY, 2001). Isso pode ser evidenciado conforme os sujeitos se expressam de forma autêntica e expõem seu lugar de fala ou “lugar epistemológico”, como concebe González (2020).

González Rey e Martínez (2016), afirmam que tais expressões ocorrem quando a lógica deixa de ser instrumental e passa a centrar-se no diálogo, o que favorece a auto expressão e expressão espontânea dos sujeitos.

Desse modo, por reconhecer a importância do sujeito na pesquisa qualitativa e acreditar que a discussão sobre seu caráter singular é de grande relevância para o contexto acadêmico e para a produção do conhecimento científico; e, quando se trata da PQ, estudar a singularidade do sujeito pode favorecer a compreensão dos processos subjetivos e intersubjetivos que permeiam a existência humana e que influenciam na produção do conhecimen-

to. Além disso, tais discussões podem motivar pesquisadores a refletirem sobre o desenvolvimento de suas pesquisas mediante um olhar e escuta mais atentos para as singularidades dos sujeitos participantes, assim como, para sua própria singularidade como pesquisador.

Como profissionais inseridos no campo educacional, acreditamos na importância de compreender aspectos relacionados ao caráter singular do sujeito, uma vez que a sala de aula, assim como, os demais ambientes sociais, é composta por inúmeros sujeitos, com história de vida, experiências e significações distintas. Desse modo, compreender tal singularidade pode também favorecer e conduzir a melhorias no processo educativo e nas práticas pedagógicas.

ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE A NOÇÃO DE SUJEITO, SINGULARIDADE E INTERSUBJETIVIDADE

Para entender como a singularidade do sujeito se revela, no contexto da pesquisa qualitativa, é importante tecer algumas reflexões sobre os termos sujeito, singularidade e intersubjetividade. Tais compreensões são relevantes para construir uma visão ampla acerca do sujeito singular e sua constituição.

Segundo Morin (2003), para compreender a noção de sujeito é necessário entender que sua organização biológica está relacionada à dimensão cognitiva, uma vez que os genes formam um patrimônio de caráter cognitivo/informacional da célula. O autor destaca que os indivíduos retiram informações do seu entorno e associam a sua prática, não sendo apenas atores, mas autores, capazes através da cognição, de tomar decisões e realizar escolhas. Nesse sentido, a carga genética influencia no desenvolvimento cognitivo, logo, nossas habilidades e aptidões podem ser aprimoradas à medida que estabelecemos relações com nosso entorno.

Ainda de acordo com Morin (2003), a dimensão cognitiva poderia ser chamada de “dimensão computacional”, pois, é nessa dimensão que ocorre o tratamento de dados, estímulos, signos, símbolos e mensagens, nos permitindo agir dentro do universo interno e externo. Partindo desse pensamento, interagimos com o mundo a nossa volta e integramos nossas experiências a dimensão simbólico-emocional, a partir dos múltiplos desdobramentos e suas ações sociais (TACCA; GONZÁLEZ REY, 2008), o que favorece nossa constituição como sujeitos.

Aliada à dimensão cognitiva existe ainda, a dimensão antropológica. Zanella (2005) salienta que os signos resultantes da ação humana em comunidade e sua origem tem suas raízes fixadas nos primórdios da civilização, quando os indivíduos lutavam pela sobrevivência e necessitavam se comunicar, logo, ainda que considerados próprios, os signos trazem marcas da época e do grupo social de origem.

Dessa maneira, os aspectos sociais e culturais sempre estiveram presentes na constituição do sujeito, e se revelam por meio da dimensão sociocultural. Essa dimensão enfatiza que a relação com o outro é uma ação essencial para a constituição do sujeito, uma vez que, nesta abordagem, os processos de significação são construídos e transformados pelo próprio grupo cultural (VYGOTSKY, 1987 *apud* ZANELLA, 2005, RIBAS; MOURA, 2006). Assim, a interação social é um aspecto essencial para o desenvolvimento do sujeito, não apenas cognitivo, mas também humano, uma vez que como ser social, é importante saber dialogar e ouvir o outro.

A partir de tais compreensões ressaltamos que o sujeito é então constituído por faces variadas, que estão relacionadas a sua carga genética, mas também são influenciadas pelo contexto social e cultural, e é nesse cenário, que a singularidade vai ganhando espaço e sendo moldada. Tendo em vista que a singularidade do sujeito é a temática central do presente ensaio, é essencial compreendermos o significado do termo “singularidade”. Para isso, apresentaremos a seguir definições para o termo, baseadas no dicionário online *Priberam* de língua Portuguesa e no dicionário de filosofia Abbagnano (2007).

De acordo com o Dicionário *Priberam* de língua Portuguesa o significado da palavra singularidade remete a qualidade do que é único, próprio a um indivíduo e representa um modo extraordinário de agir ou pensar (PRIBERAM, 2022). Em consonância a isso, o dicionário de filosofia Abbagnano (2007), apresenta o conceito de “singular” a partir de duas definições principais. A primeira, assim como a definição do dicionário *Priberam* (2022), relaciona o termo com algo único. Essa definição ressalta a ideia de que o termo tem relação com características individuais, que são distintas dos demais indivíduos, e desse modo não são substituíveis. Enquanto, a segunda definição, remete a um “indivíduo com valor metafísico, religioso, moral, político e supremo” (ABBAGNANO, 2007, p.903), o que implica destacar que como sujeitos, possuímos, valores, crenças, e atribuímos significado ao que está a nossa volta. Nota-se assim, que as duas definições, enfatizam o caráter “único” que representa a singularidade, e quando relacionada ao sujeito remetem as significações próprias, qualidades e modos de pensar, que os distinguem e os tornam importantes.

Pinheiro e Meira (2010) destacam que a singularidade caracteriza os sentidos produzidos diante dos múltiplos contextos que vivemos e atuamos. Para os autores, não faz sentido falar sobre a singularidade apenas como atributo individual, uma vez que ela se relaciona com o entendimento dos modos de significação, ou seja, a compreensão de como o sujeito singulariza sua existência. Isso implica pensar que vivemos como indivíduos singulares, mas também como seres sociais (GONZÁLEZ, 2020), uma vez que somos autores e atores ao mesmo tempo de nossa história.

Nessa perspectiva, por mais que a singularidade representa algo individual, também é construída a partir de contextos intersubjetivos. Segundo Ribeiro (2015), a intersubjetividade pode ser definida como a

[...] confluência e interpenetração direta de duas subjetividades, criando uma realidade comum às duas. Concordo com seu uso com o significado de duas subjetividades que procuram compreender-se através do que muitos (Freud, Andrade e Roussillon, por exemplo) chamam de identificação empática (Ribeiro, 2015, p. 208)

Dessa forma, um processo intersubjetivo requer interação, diálogo, reciprocidade e empatia. E isso ocorre, por exemplo, a partir da escuta atenta, do respeito ao ponto de vista do outro e de uma comunicação que permite deixar um pouco de si no outro e trazer um pouco do outro para si.

Outra compreensão acerca da intersubjetividade é destacada pelos autores Coelho e Figueiredo (2004), que a definem como um processo vivido de forma simultânea por várias mentes, o que faz surgir a denominação “experiência intersubjetiva”. Nessa perspectiva, a noção de intersubjetividade é conduzida a um sentido de compartilhamento de experiências e significados com o outro, mediante ações interpretativas.

Tal ideia torna-se evidente no texto de Birman (1991), no qual o autor discute sobre sujeito, interpretação e intersubjetividade, a partir das compreensões da psicanalista Piera Aulagnier. O autor destaca que não existe relação de exterioridade entre sujeito e interpretação, e assim, o sujeito passa a ser visto na psicanálise, como um intérprete, que tem por base o discurso do outro e a relação com o outro. Isso implica considerar que a interpretação é uma ação intrínseca ao sujeito, e ocorre mediante a internalização de situações que vivenciamos. Assim, desde o nascimento interpretamos situações à nossa volta e essa interpretação ocorre também por meio do diálogo com o outro.

Partindo de tal pressuposto, uma simples conversa pode mudar uma interpretação inicialmente construída. Logo, o passado pode ser reestruturado a partir de uma interpretação do presente, assim como, o futuro pode ser planejado baseado em nossas experiências atuais (BIRMAN, 1991). Nesse sentido, as nossas interpretações não são estáticas, mas mutáveis à medida que podem ser modificadas e até mesmo reestruturadas mediante experiências subjetivas e intersubjetivas. Ainda para o autor, as marcas da singularidade do sujeito podem ser percebidas nesse contexto intersubjetivo, uma vez que novos sentidos e significados vão sendo construídos mediante as interações sociais.

A concepção de constituição do sujeito na perspectiva da construção de significados, considera a singularidade como uma conjugação de processos que envolvem convergência e divergência, semelhanças e diferenças, aproximação e afastamento em relação ao outro, e o sujeito, uma composição dessas tensões e sínteses (GÓES, 1993). Logo, a partir dessa

perspectiva a singularidade é constituída por diversos processos e situações que surgem ao longo da vida e fazem com que o sujeito seja moldado e se constitua como um ser único.

Para Molon (2011) a “constituição do sujeito acontece no campo da intersubjetividade, configurado como o lugar do encontro e do confronto e como o palco de negociações dos mundos de significação privado e público” (MOLON, 2011, p. 618). Logo, isso pode conduzir a uma reflexão do sujeito sobre seus próprios significados, de modo a internalizá-los e externalizá-los no diálogo com o outro e com o mundo.

Assim, a forma como definimos quem somos não ocorre apenas de opções ontológicas e teóricas, mas das nossas experiências como “eus”, das relações interpessoais e das vivências entre processos de subjetivação e objetivação (SPINK, 2011). Então, nossa carga pessoal, formada por sentimentos, cultura, experiências sociais e familiares também nos constituem e refletem nossa identidade.

Góes (1993) ressalta a dificuldade de construir um quadro teórico que relacione a intersubjetividade e a singularidade do sujeito. Para o autor, isso pode estar associado ao fato de considerar de um lado um indivíduo em sua especificidade e de outro, a multiplicidades dos indivíduos e suas relações. Porém é possível inferir que mesmo sendo elementos que a princípio podem ser contrastantes, elas apresentam sua convergência na constituição do sujeito. Isso se justifica, quando consideramos que somos seres únicos, mas também constituídos mediante processos de interação e inter-relação social e tais processos são essenciais para refletirmos e atuarmos assumindo nossa condição humana.

SINGULARIDADE DO SUJEITO, SIGNIFICAÇÕES E OUTRAS CARACTERÍSTICAS DA PESQUISA QUALITATIVA

A singularidade do sujeito

Esse é um tema de destaque quando se discute a PQ (Araújo; Oliveira; Rossato, 2017; González Rey, 2001; Maheirie, 2002). Nesse sentido, sendo a PQ o campo de estudo no qual se insere o presente trabalho, serão realizados alguns apontamentos com o intuito de favorecer a compreensão desse tipo de pesquisa e sua relação com o sujeito singular. Inicialmente, serão discutidos aspectos relativos ao contexto de surgimento da PQ e, em seguida, à sua conceituação, características e seu desenvolvimento.

Bodgan e Biklen (1994) destacam que a PQ possui um histórico que remonta uma longa tradição e perpassa várias disciplinas. Essa abordagem surgiu inicialmente nos âmbitos da Antropologia e da Sociologia, e ao longo dos anos ganhou espaço em áreas como a Psicologia, Educação e Administração de Empresas (NEVES, 1996). Desse modo, infere-se

que a PQ se ajustou a diferentes áreas desde sua criação, e foi se incorporando a distintos contextos e disciplinas.

Vale destacar que o surgimento da PQ está ligado a ideais contrários à corrente positivista. Isso se dá em virtude de que o positivismo não nega os significados, mas os considera incapazes de serem abordados de maneira científica, e dessa forma, recusa trabalhar com eles, uma vez que privilegia a observação dos fenômenos e renúncia descobrir suas causas (MINAYO; SANCHES, 1993). Enquanto isso, para a PQ, os significados são essenciais na compreensão dos fenômenos em estudo (BOGDAN; BIKLEN, 1994; NEVES, 1996; TURATO, 2005).

Bogdan e Biklen (1994, p.49) enfatizam que a abordagem do mundo na pesquisa qualitativa exige que seja visto de modo a compreender que “nada é trivial, que tudo tem potencial para constituir uma pista que nos permita estabelecer uma compreensão mais esclarecedora do nosso objeto de estudo”. Partindo desse viés, as situações e fenômenos à nossa volta podem ser questões de pesquisa, por mais simples que pareçam.

Em relação ao conceito de PQ, Neves (1996), a define como um conjunto de diferentes técnicas interpretativas que objetivam a descrição e decodificação de um sistema complexo de significados. Considerando tal aspecto, é necessário um olhar sensível e amplo para os fenômenos que ocorrem à nossa volta e os significados a eles atribuídos pelos sujeitos que sejam seus protagonistas. Compartilhando ideias semelhantes, Turato (2006), destaca que a PQ não busca estudar apenas o fenômeno, mas o significado que esse fenômeno possui para a vida das pessoas.

Dessa forma, é notório que os autores desembarcam em um ponto comum: a importância dada aos significados atribuídos pelos sujeitos aos fenômenos que são de seu interesse; a construção de tais significados baseia-se nas vivências e sentimentos dos sujeitos e, por tanto, moldam suas vidas (TURATO, 2005). Logo, o modo de pensar, agir e se comportar do sujeito singular, diante de situações sociais, é influenciado pelo conjunto de significados que ele constrói ao longo de sua vida.

Significado e Significações

Sobre o processo de construção de significados, Mead (1934) *apud* Carvalho, Borges e Rêgo (2010) destaca que durante o exercício da interação, a mente estabelece uma relação com a situação, que se dá mediante um conjunto de símbolos, e, quando uma determinada ação representa uma ideia e provoca uma interpretação no outro, um significado é construído. Assim, para que seja construído um significado, é necessário que antes seja desencadeada uma ação que o provoque. Tais ações podem emergir das interações sociais, sejam elas em família, com amigos, na escola e nos demais ambientes sociais.

Carvalho, Borges e Rêgo (2010, p.150) destacam que “a base do significado está presente na conduta social, em que emergem símbolos significantes. Só quando o indivíduo se identifica com tais símbolos é que se torna consciente o significado”. Desse modo, uma ação que não provoque no sujeito interesse ou reflexão, provavelmente não irá colaborar para a construção de um significado.

Os sentidos expressos pelo sujeito são subjetivos, dão sentido às suas expressões atuais, são advindos de diferentes áreas de sua experiência social e estão relacionadas ao percurso histórico e social da pessoa (GONZÁLEZ REY, 2001). Logo, desde que nascemos vamos construindo uma história, que é única quanto como os significados que atribuímos, de acordo com as experiências sociais que construímos.

Em relação ao significado que as pessoas atribuem às suas experiências, Bogdan e Biklen (1994) destacam que no processo de interpretação, os significados são essenciais e constitutivos e não acidentais ou secundários à experiência. Desse modo, os significados e interpretações pessoais ocorrem à medida que o sujeito vive a experiência, ao longo desta, e não antes ou após sua ocorrência. Assim, tomando como exemplo a escola, seu significado para o aluno, é construído à medida que ele a frequenta e convive com os colegas e professor, e não após o período escolar.

Nessa perspectiva, as significações são construídas a partir das vivências, que aliadas às ações compõem o sujeito e este se revela por perspectivas (MAHEIRIE, 2002). Assim, as vivências do sujeito contribuem, para o desenvolvimento de sua subjetividade, que se vincula a processos cognitivos, afetivos e sensoriais (GONZÁLEZ, 2020), e desse modo, colaboram para a construção de um sujeito que apresenta funções biológicas e psicológicas, mas também sentimentos, medos e desejos.

Tais apontamentos têm relação com a forma na qual os indivíduos interpretam as coisas à sua volta, sejam objetos ou pessoas, com os quais interagem, e como essa interpretação reflete no comportamento individual em determinadas situações, o que compreende o interacionismo simbólico (CARVALHO; BORGES; RÊGO, 2010). A partir desse olhar, as ações dos sujeitos são influenciadas pelo modo com que interpretam sua realidade e pelas situações sociais vivenciadas. Durante qualquer ação social, acontece uma redefinição dos objetos do ambiente percebido, à medida em que ocorre uma interpretação das ações com base no significado que elas representam (CARVALHO; BORGES; RÊGO, 2010). Logo, tais significados são cruciais para a construção das percepções e conseqüentemente impactam nas ações individuais dos sujeitos.

Partindo dessa compreensão, ao pensar o sujeito como um ser histórico, singular e mutável, estamos considerando que ele seja emocionalmente afetado pelas relações com seu entorno (ARAÚJO; OLIVEIRA; ROSSATO, 2017). Assim, ao longo da vida, o sujeito está em

constante processo de mudança, e conseqüentemente, o significado atribuído a algo pode modificar-se, seja, por meio das experiências, sejam negativas ou positivas.

| OUTRAS CARACTERÍSTICAS DA PESQUISA QUALITATIVA

Os apontamentos até então realizados sobre a importância dada aos significados denotam o entendimento de que os significados construídos pelos sujeitos inspiram suas ações, opiniões e atitudes individuais, e desse modo, são de grande importância para a PQ. Arelado a isso, destacamos ainda, outras características importantes dessa abordagem de pesquisa enfatizadas por Bogdan e Biklen (1994): a) o contexto natural como fonte direta dos dados; b) a natureza do método; c) o Lugar Epistemológico do pesquisador; d) o diálogo; e) a descrição; f) o interesse pelo processo e g) a análise indutiva dos dados.

Importância do Contexto Natural na Pesquisa Qualitativa

A primeira delas, de acordo com os autores, é que *a fonte direta da informação que serve de alicerce para construir os dados na pesquisa qualitativa é o contexto natural*, sendo o pesquisador o principal instrumento da pesquisa porque, segundo González (2020), “não existe instrumento nenhum de “lápiz e papel” ou algum “dispositivo tecnológico” que possa exibir um grau de sensibilidade superior ao de uma pessoa devida e suficientemente treinada para atender às necessidades de uma perspectiva predominantemente qualitativa de pesquisa.” (GONZÁLEZ, 2020, p. 163).

O contexto natural é um lugar primordial para compreender a dinâmica da interação social entre os sujeitos, assim como, local propício para manifestações de intersubjetividades e diálogo entre sujeitos os sujeitos e o pesquisador, favorecendo a produção do conhecimento (MINAYO, 2011). Desse modo, o pesquisador se desloca até o ambiente da pesquisa, com o intuito de compreender melhor o contexto e seu objeto de estudo (TURATO, 2006; NEVES,1996). Essa inserção do pesquisador no ambiente natural torna possível perceber detalhes como diálogos, gestos, expressões dos sujeitos que não seriam possíveis sem o olhar do observador.

A Natureza do Método

De acordo com Araújo, Oliveira, Rossato (2017), o pesquisador qualitativo necessita utilizar metodologias que considerem a complexidade que envolve a compreensão de significados inerentes aos sujeitos, levando em consideração que os processos de desenvolvimento ocorrem de maneira singular e não podem ser compreendidos a partir de metodologias pouco sensíveis. Acrescentando nesta ideia, tracemos o ponto de vista de González, Villegas (2009) quando afirmam que o método:

[...] é mais uma questão de natureza intelectual do que instrumental; portanto, a

questão metodológica da pesquisa não pode ser deslocada do plano epistemológico; de fato, o modo de ser de toda realidade traz consigo um modo de ser que, por sua vez, exige um modo de ser conhecido; em outras palavras, toda realidade exige seu modo ad hoc de ser abordada; portanto, o método é inseparável do objeto. O método também não pode ser separado do histórico, pois é transitório por sua natureza contextualizada; Isso se deve ao fato de que toda ação humana, que é composta de um ato físico, um sentido, uma finalidade (intenção) e uma função, surge em situações ou realidades sociais historicamente contextualizadas, e é nesse contexto que essa ação adquire significado (isto é, razão necessária para ser como parte inserida em uma determinada estrutura) e significado (isto é, valor, mérito, justificação) para os atores sociais que os conduzem; assim, o objetivo do método é possibilitar a obtenção de informações cuja análise ajude a desvendar tanto o sentido quanto o significado das ações realizadas em tais situações. (GONZÁLEZ, VILLEGAS, 2009; pp 97-98). Tradução nossa.

Os autores ressaltam que os instrumentos de pesquisa utilizados não devem objetivar respostas prontas, mas, dar aos participantes a possibilidade de expressão e reflexão. Assim, podem ser utilizadas por exemplo, entrevistas abertas, ou semi estruturadas, de modo que as perguntas possam ser adaptadas e possibilitar que os participantes se sintam confortáveis, acolhidos e possam se expressar de maneira livre. González, Villegas (2009) tracem alguns exemplos de como esses instrumentos poderiam ser aplicados.

Tais cuidados refletem na valorização do sujeito individual, sua história e capacidade de reflexão (GONZÁLEZ REY, 2001), que são aspectos fundamentais para a compreensão do sujeito e de seus significados. Desse modo, a PQ valoriza a essência do sujeito, sua cultura e seu modo de pensar e agir, uma vez que estes comportam os significados que foram construídos ao longo de sua vida.

Aliado a isso, tem destaque a valorização das emoções, da fala e das ações do pesquisador, que também é um sujeito da pesquisa (ARAÚJO; OLIVEIRA; ROSSATO, 2017; GONZÁLEZ, 2020). Isso implica considerar que o pesquisador possui significações próprias e um arcabouço de conhecimentos teóricos e práticos que contribuem e influenciam no desenvolvimento da pesquisa.

O Lugar Epistemológico do Pesquisador

Tudo isso leva-nos a reconhecer a singularidade do pesquisador, que se expressa por meio do seu “Lugar Epistemológico” que, em acordo com González (2020), é a posição de fala do pesquisador, ou seja, o lugar no qual o pesquisador se situa epistemologicamente e produz seus conhecimentos, e associa-se às suas experiências de vida, o que inclui sua história, sua formação pessoal e profissional, e os significados construídos ao longo de sua vida.

Dessa forma, as escolhas e posicionamentos do pesquisador dialogam com o contexto de pesquisa e precisam ser considerados. Assim, as concepções do pesquisador estão inseridas à medida que ele realiza escolhas metodológicas e desenvolve suas ações na pes-

quisa. Dentre elas, o ato de planejar, provocar, dialogar com os sujeitos, coletar os dados e analisá-los e a partir disso, visualizar novas compreensões acerca do problema de estudo (GONZÁLEZ REY, 2001).

Na PQ, o pesquisador procura conhecer a fundo as vivências e as representações que os sujeitos atribuem às suas experiências e para isso eles se fundamentam nos dados de campo, estudam as individualidades, coletam informações que conduzem a construção de uma teoria densa e plausível (TURATO, 2005). Dessa forma, é importante que estejam preparados para conduzir e desenvolver tais atividades, e para além disso, deve existir uma relação de dialogicidade e colaboração entre pesquisador e pesquisado que possibilite ao sujeito pesquisado se sentir parte da pesquisa.

É importante compreender, como destacam Araújo, Oliveira, Rossato (2017, p. 4), que “ao se expressar, o sujeito coloca-se simultaneamente em relação com o outro, com o contexto e consigo mesmo, em um processo que favorece sua compreensão dos eventos vividos e a construção de conhecimentos e significados acerca de suas experiências pessoais”. Nesse contexto, acreditamos que a escuta pode ser uma das principais ferramentas para ouvir, entender e apreciar o sujeito singular. Mas para que essa aproximação seja efetiva é fundamental que o pesquisador busque conhecer a cultura dos sujeitos, isso pode ser conduzido através do mergulho em sua vida, escutando atentamente e procurando ouvir, olhar e sentir mais que falar.

Importância do Diálogo na Pesquisa Qualitativa

Villegas e González (2011) enfatizam que é necessário estar atento ao que se escuta com curiosidade ingênua, respeitando o discurso do participante, instigando-o a complementar ideias inacabadas. Para isso, é necessário ativar a escuta abrangente, perceber e abstrair os significados (VILLEGAS; GONZÁLEZ, 2011), demonstrando assim empatia e interesse para com a fala do outro.

Dessa maneira, o pesquisador precisa desenvolver um diálogo efetivo com os participantes de sua pesquisa. Bohm (2005) *apud* Andrade, Luca, Sorrentino (2012) ressalta que um diálogo efetivo compreende uma conversa que permite aos participantes conhecerem e reconhecerem seus pressupostos individuais e coletivos, buscando entender seus significados. Assim, o pesquisador por mais que apresente significações e valores distintos dos sujeitos pesquisados, deve respeitá-los e buscar compreendê-los. Sobre a importância do diálogo, Freire (1980) destaca:

O diálogo é o encontro entre os homens, mediatizados pelo mundo, para designá-lo. Se ao dizer suas palavras, ao chamar ao mundo, os homens o transformam, o diálogo impõe-se como o caminho pelo qual os homens encontram seu significado enquanto homens; o diálogo é, pois, uma necessidade existencial. (FREIRE, 1980, p.42)

Assim, o diálogo se constitui como uma importante ferramenta para compreender o outro e a si mesmo, logo, deve ser prática constante na qualitativa. Para Morin (2003), a compreensão permite perceber o outro não apenas como *ego alter*, um outro sujeito, mas também como *alter ego*, um outro eu mesmo, com quem se estabelece comunicação, afeição e trocas. Logo, é importante durante as pesquisas que envolvem subjetividade, perceber o nosso eu no outro e não apenas enxergar o outro como um indivíduo estático que não estabelece troca com os demais.

Um ambiente que pode ser tomado como cenário para desenvolvimento da pesquisa é a sala de aula, uma vez que possibilita a observação do comportamento, interação, gestos e falas entre professores e alunos. Nesse ambiente, de acordo com Tacca e González Rey (2008), se estabelecem relações entre a subjetividade individual e social, nas quais os diversos sentidos subjetivos atribuídos nesse processo, surgem a partir das singularidades dos alunos e professores.

A Descrição na Pesquisa Qualitativa

Outra característica da PQ enfatizada por Bogdan e Biklen (1994) é a “*descrição densa*” (GEERTZ, 1989). Na PQ o pesquisador descreve o objeto de estudo, os sujeitos, o ambiente e seu entorno, de modo a captar detalhes significativos para sua pesquisa (NEVES, 1996). Logo, as informações coletadas na PQ são apresentadas em variadas formas, incluindo anotações sobre observações de campo, fotografias, vídeos, documentos pessoais, transcrições de entrevistas, memorandos e outros (BOGDAN; BIKLEN, 1994), o que importa é que se descreva fielmente as situações e as falas e práticas dos participantes no estudo.

Esses recursos são importantes pois nem sempre o pesquisador conseguirá captar através do olhar, todos os gestos e comportamentos dos sujeitos da pesquisa. Assim, é necessário descrever fielmente, tanto o nível microscópico quanto macroscópico, como diz GEERTZ (1989, p. 31) o que se observa, o que se escuta, o caminho investigativo percorrido e as opções metodológicas realizadas pelo investigador (LÜDKE; ANDRÉ, 2013).

Essa “*descrição densa*” dos fatos possibilitará a compreensão do leitor e de outros pesquisadores e irá conferir qualidade à pesquisa. Tais posicionamentos são importantes, tendo em vista que na PQ a força do método é dada mediante a validade dos dados coletados, o que exige rigorosidade no processo, mesmo diante de procedimentos adaptáveis e recursos abertos e flexíveis (TURATO, 2006).

A Ênfase nos Processos

Outra característica da PQ, é o *interesse pelo processo*. Nesse sentido, o interesse da PQ reside no fato de compreender como os fenômenos se sucederam e os significados atribuídos pelos sujeitos nesse percurso (BOGDAN; BIKLEN, 1994). É preciso então, que o pes-

quisador além de conhecer aspectos da vida pessoal dos sujeitos, busque compreender o sentido que eles atribuem a determinadas situações e as ações por eles realizadas (SOUZA *et.al*, 2015). Logo, é necessário ir além da superfície das ideias apresentadas pelos sujeitos, buscando compreendê-las em nível aprofundado, ou seja, não se deter ao produto final apresentado, mas compreender o processo que levou a construção deste produto.

Natureza Indutiva da Análise da Informação

Por fim, Bogdan e Biklen (1994) destacam que *a análise é indutiva*. Essa característica reflete o fato de que os dados não são coletados com o intuito de confirmar ou refutar hipóteses, mas as abstrações são construídas à medida que os dados vão se agrupando (BOGDAN; BIKLEN, 1994). Assim, o pesquisador qualitativo pode ter em mente uma hipótese, mas deve manter-se aberto para as abstrações que emergem a partir do *corpus* de análise, das peças individuais que vão ganhando forma nesse processo, ou até mesmo que modificam essa “forma” ao longo deste. Isso inclui, por exemplo, as informações concedidas pelos sujeitos, que muitas vezes podem não corresponder às hipóteses levantadas pelo pesquisador. À vista disso, é preciso que o pesquisador tenha um olhar atento e sensível para seu *corpus* de análise e para o que se mostra a partir dos significados atribuídos pelos sujeitos.

Perante o exposto, fica evidente as várias atribuições e características associadas a PQ e ao pesquisador qualitativo. Nesse contexto, destaca-se o importante papel do sujeito singular na PQ, permitindo construir um estudo único e subjetivo, à medida que cada sujeito apresenta significações próprias, construídas ao longo do seu percurso de vida, assim como, cada pesquisador interpreta de modo distinto, e isso contribui para a relevância dos estudos qualitativos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das reflexões desenvolvidas no presente trabalho, ressaltamos que a singularidade do sujeito ocupa um papel importante na PQ. Nesse contexto, se inserem elementos pessoais, sociais, culturais que permeiam os significados construídos ao longo da sua vida. Dessa forma, compreendemos que o sujeito singular, apresenta características e significados únicos, mas também, carrega traços culturais e sociais, construídos a partir da interação com o outro, por meio de contextos intersubjetivos, e por isso, tem um papel tão relevante no desenvolvimento da PQ.

Cabe destacar que o objetivo inicialmente proposto na pesquisa foi cumprido, e que nesse percurso, foi possível perceber o sujeito singular como um ser complexo, que traz consigo uma conjuntura de significados que foram construídos de modo processual e que estão sujeitos a mudança. Desse modo tais significados tornam-se difíceis de serem captados e

compreendidos pelo pesquisador e requerem que as metodologias e técnicas escolhidas considerem tal complexidade e se adequem ao contexto e objetivos da pesquisa.

Ainda neste âmbito, destacamos o importante papel do pesquisador, que também se constitui como sujeito singular e participa de todas as etapas da pesquisa, desde a elaboração dos objetivos, até a análise dos dados, e se configura como o principal instrumento da pesquisa. Logo, o seu lugar epistemológico, conduz e orienta o desenvolvimento das etapas da pesquisa. Outro aspecto que merece destaque, é que os sujeitos, suas ações, falas, gestos e atitudes são elementos que permeiam todos os aspectos e características da PQ, e por isso denotam tanta importância.

Como na realização de qualquer estudo, neste também enfrentamos dificuldades. Tais dificuldades estiveram relacionadas a compreensão e interpretação dos significados atribuídos aos conceitos presentes nessa pesquisa. Por mais que à primeira vista pareça simples escrever sobre o sujeito, isso torna-se complexo diante das inúmeras faces que transpassam esse conceito, assim como, a singularidade e os processos intersubjetivos associados.

Por fim, destacamos a PQ como um campo de estudos amplo e que oferece muitos aspectos a serem explorados. Esperamos que a discussão proferida no presente ensaio possa possibilitar reflexões e direcionamentos que conduzam a ampliação da compreensão da PQ e do sujeito singular, favorecendo assim a produção do conhecimento nesse campo de estudo.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. Tradução de Alfredo Bossi e Ivone Castilho Benedetti. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ALMEIDA, Maria da Conceição de; KNOBBE, Margarida Maria. **Ciclos e Metamorfoses: uma experiência de reforma universitária**. Porto Alegre: Sulina, 2003.

ANDRADE, D. F.; LUCA, A. Q.; SORRENTINO, M. O diálogo em processos de políticas públicas de educação ambiental no Brasil. **Educação & Sociedade**, v. 33, p. 613-630, 2012. <https://doi.org/10.1590/S0101-73302012000200015>

ARAÚJO, C. M. de; LOPES DE OLIVEIRA, M. C. S.; ROSSATO, M. O Sujeito na Pesquisa Qualitativa: Desafios da Investigação dos Processos de Desenvolvimento. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, [S. l.], v. 33, n. 1, 2017. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/revistaptp/article/view/19506>. Acesso em: 17 abr. 2022.

BIRMAN, Joel. Sujeito, singularidade e interpretação em psicanálise. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 1, n. 2, p. 126-142, 1991.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à**

teoria e aos métodos. Porto: Porto editora, 1994.

CARVALHO, Virgínia Donizete de; BORGES, Livia de Oliveira; RÊGO, Denise Pereira do. Interacionismo simbólico: origens, pressupostos e contribuições aos estudos em Psicologia Social. **Psicologia: ciência e profissão**, v. 30, p. 146-161, 2010.

CHIZZOTTI, Antonio. A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: evolução e desafios. **Revista portuguesa de educação**, v. 16, n. 2, p. 221-236, 2003.

COELHO, Nelson Ernesto; FIGUEIREDO, Luís Cláudio. Figuras da intersubjetividade na constituição subjetiva: dimensões da alteridade. **Interações**, v. 9, n. 17, p. 9-28, 2004.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação - uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. 4. ed. São Paulo: Moraes, 1980.

GEERTZ, C. Uma Descrição Densa: Por uma Teoria Interpretativa da Cultura. In C. GEERTZ. **A interpretação das culturas**. Capítulo 1, Uma Descrição Densa: Por uma Teoria Interpretativa da Cultura, pp 13-4.1 Rio de Janeiro, LTC, 213 p. 1989. Disponível em: <http://nupaub.fflch.usp.br/sites/nupaub.fflch.usp.br/files/GEERTZ,%20%281989%29%20P.13-41.pdf> Acesso: maio 14, 2022.

GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de empresas**, v. 35, n. 3, p. 20-29, 1995.

GÓES, Maria Cecília Rafael. Os modos de participação do outro nos processos de significação do sujeito. **Temas em psicologia**, v. 1, n. 1, p. 1-5, 1993.

GONZÁLEZ REY, Fernando Luis. A pesquisa e o tema da subjetividade em educação. **Psicologia da Educação**, n. 13, p. 9-15, 2001.

GONZÁLEZ REY, Fernando; MARTÍNEZ, Albertina Mitjás. Una epistemología para el estudio de la subjetividad: Sus implicaciones metodológicas. **Psicoperspectivas**, v. 15, n. 1, p. 5-16, 2016

GONZÁLEZ, Fredy Enrique. Apuntes para una Crítica Pentadimensional de la Investigación Socioeducativa. **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 32, n. 18, p. 40-78, maio/ago. 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/3916/3183> Acesso: maio 13, 2022

GONZÁLEZ, Fredy Enrique. Reflexões sobre alguns conceitos da pesquisa qualitativa. **Revista Pesquisa Qualitativa**, v. 8, n. 17, p. 155-183, 2020. Disponível em: <https://editora.sepq.org.br/rpq/article/view/322/200> Acesso: abril 10, 2022.

GONZÁLEZ, Fredy Enrique. Uso del enfoque pentadimensional en el análisis interno de productos escritos de investigación. **Revista Educação em Questão**. 2005; 23(9):7-15.[fecha de Consulta 13 de Mayo de 2022]. ISSN: . Disponible en: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=563959955002>

GONZÁLEZ, Fredy Enrique; VILLEGAS, Maria Margarita. Fundamentos Epistemologicos en

la Construcción de una Metodica de Investigacion. **Atos de Pesquisa em Educação**, [S.l.], v. 4, n. 1, p. 89-121, ago. 2009. ISSN 1809-0354. Disponível em: <https://proxy.furb.br/ojs/index.php/atosdepesquisa/article/view/1449>. Acesso em: 14 maio 2022. doi: <http://dx.doi.org/10.7867/1809-0354.2009v4n1p89-121>.

GÜNTHER, Hartmut. Pesquisa qualitativa versus pesquisa quantitativa: esta é a questão? **Psicologia: teoria e pesquisa**, v. 22, p. 201-209, 2006. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722006000200010>

JACOB, E. Clarifying Qualitative Research: A Focus on Traditions. **Educational Researcher**, Vol. 17, No. 1, 16-24, 1998. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/271332787_Boys_in_white_A_classic_of_qualitative_research_turns_50/fulltext/55f309ae08ae1d980393a8f3/Boys-in-white-A-classic-of-qualitative-research-turns-50.pdf

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. 2. Ed. São Paulo: Paulus, 2010.

LÜDKE, Menga.; ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. 2. ed. São Paulo: EPU, 2015.

MAHEIRIE, Kátia. Constituição do sujeito, subjetividade e identidade. **Interações**, v. 7, n. 13, p. 31-44, 2002.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Editora Vozes Limitada, 2011.

MINAYO, Maria Cecilia de Souza; SANCHES, Odécio. Quantitativo-qualitativo: oposição ou complementaridade? **Cadernos de saúde pública**, v. 9, p. 237-248, 1993.

MOLON, Susana Inês. Notas sobre constituição do sujeito, subjetividade e linguagem. **Psicologia em estudo**, v. 16, p. 613-622, 2011.

MORIN, Edgar. A cabeça bem-feita. Rio de Janeiro: **Bertrand Brasil**, 8ª ed. 2003.

NOGUEIRA-MARTINS, Maria Ceriza Fantini; BÓGUS, Cláudia Maria. Considerações sobre a metodologia qualitativa como recurso para estudo das ações e humanização em saúde. **Saúde e sociedade**, v.13, p 44-57, 2004.

OLIVEIRA, Cristiano Lessa de. Um apanhado teórico-conceitual sobre a pesquisa qualitativa: tipos, técnicas e características. **Travessias**, v. 2, n. 3, 2008.

OLIVEIRA, Maxwell Ferreira de. **Metodologia científica**: Um manual para a realização de pesquisas em administração. Catalão: Ed. UFG, 2011.

PATIAS, Naiana Dapieve; VON HOHENDORFF, Jean. Critérios de Qualidade para Artigos de Pesquisa Qualitativa. **Psicologia em Estudo**, v. 24, 21 nov. 2019. <https://doi.org/10.4025/psicoestud.v24i0.43536>

PINHEIRO, Marina Assis; MEIRA, Luciano R. Psicologia discursiva e o sujeito do conhecimento:

a singularidade como questão. **Psicologia em Estudo**, v. 15, p. 603-611, 2010.

PRIBERAM, "**singularidade**", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, 2008-2021, Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/singularidade>. Acesso em 09 ago. 2021.

RIBAS, Adriana Ferreira Paes; MOURA, Maria Lucia Seidl. Abordagem sociocultural: algumas vertentes e autores. **Psicologia em estudo**, v. 11, n. 1, p. 129-138, 2006.

SOUZA, E. M. (org.), "Metodologias e análíticas qualitativas em pesquisa organizacional," **EDUFES**, acesso em 12 de março de 2022, disponível em <<<http://www.edufes.ufes.br/items/show/26>.>

SPINK, Mary Jane P. Pessoa, indivíduo e sujeito: notas sobre efeitos discursivos de opções conceituais. **Psicologia social e personalidade**, p. 1-22, 2011. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/xg9wp/pdf/spink-9788579820571-03.pdf>

TACCA, María Carmen Villela Rosa; GONZÁLEZ REY, Fernando Luis. Produção de sentido subjetivo: as singularidades dos alunos no processo de aprender. **Psicologia: ciência e profissão**, v. 28, p. 138-161, 2008

TURATO, Egberto Ribeiro. Métodos qualitativos e quantitativos na área da saúde: definições, diferenças e seus objetos de pesquisa. **Revista de Saúde pública**, v. 39, p. 507-514, 2005.

VILLEGAS, Maria Margarita; GONZÁLEZ, Fredy Enrique. La investigación cualitativa de la vida cotidiana: Medio para la construcción de conocimiento sobre lo social a partir de lo individual. **Psicoperspectivas**, v. 10, n. 2, p. 35-59, 2011.

ZANELLA, Andréa Vieira. Sujeito e alteridade: reflexões a partir da psicologia histórico-cultural. **Psicologia & Sociedade**, v. 17, p. 99-104, 2005.

ZANETTE, Marcos Suel. Pesquisa qualitativa no contexto da educação no Brasil. **Educar em Revista**, [S.l.], v. 33, n. 65, p. p. 149-166, ago. 2017. ISSN 1984-0411. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/47454> . Acesso em: 17 abr. 2022.

BAKHTIN, Mikhail M. **Para uma filosofia do ato responsável**. Trad. de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. 2.ed. São Carlos: Pedro & João Editores, 2012, 160 p..

ALMEIDA, Gabriela. A Singularidade Filosófica: Uma Reflexão Semblante Substancial. *In*: **Rabisco da História** (<https://rabiscodahistoria.com/>). Junho, 2023. Disponível em: <https://rabiscodahistoria.com/a-singularidade-filosofica-uma-reflexao-semblante-substancial/>. Acesso em: 30 dez. 2023.

RIBEIRO, Arthur. Abstração, Permanência e Singularidade: Desvendando o universo da filosofia. *In*: **Rabisco da História** (<https://rabiscodahistoria.com/>). Agosto, 2023. Disponível em: <https://rabiscodahistoria.com/abstracao-permanencia-e-singularidade-desvendando-o-universo-da-filosofia/>

SEIDEL, Verônica Franciele. Da singularidade à polifonia: uma proposta de releitura da teoria bakhtiniana. **Bakhtiniana, Rev. Estud. Discurso** 17 (1) • Jan-Mar 2022 • <https://doi.org/>

org/10.1590/2176-457352595

BRISKIEVICZ, Danilo Arnaldo. A ontologia da singularidade e a educação em Hannah Arendt: Uma preparação para o mundo. **Revista Portuguesa de Educação**, vol. 31, núm. 1, january-june, 2018, pp. 79-93. Disponível in: https://www.redalyc.org/pdf/374/Resumenes/Resumen_37454959008_1.pdf

RIBEIRO, Osvaldo Marba. Intersubjetividade ou inter-relação. **Rev. bras. psicanál.** São Paulo, v. 49, n. 1, p. 207-220, mar. 2015 . Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2015000100014&lng=pt&nrm=iso . acessos em 30 dez. 2023.

COMO CITAR — APA

ALMEIDA, D. P., GRATEROL, M. M. V., & GONZÁLEZ, F. E. (2024). A singularidade do sujeito nas pesquisas qualitativas. *PARADIGMA*, XLV(1), e20240026. <https://doi.org/10.37618/PARADIGMA.1011-2251.2024.e2024026.id1533>.

COMO CITAR — ABNT

ALMEIDA, Danielle Pereira de; GRATEROL, Maria Margarita Villegas; GONZÁLEZ, Fredy Enrique. A singularidade do sujeito nas pesquisas qualitativas. **PARADIGMA**, Maracay, v. XLV, n. 1, e2024026, Ene./Jun., 2024. <https://doi.org/10.37618/PARADIGMA.1011-2251.2024.e2024026.id1533>.

HISTÓRICO

Submetido: 17 de junio de 2023.

Aprovado: 05 de Diciembre de 2023.

Publicado: 30 de Enero de 2024.

EDITOR

Luis Andrés Castillo 

ARBITROS

Dos árbitros evaluaron este manuscrito y no autorizaron la publicación de sus nombres